

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

**LEMBRANDO A INFÂNCIA COM FREUD E NATHALIE
SARRAUTE**

**BRUNA PAOLA ZERBINATTI
CICLO I – 4ª feira NOITE**

**São Paulo
1º semestre de 2014**

Introdução

Todas as vezes que narramos uma memória, de certo modo estamos recriando um tempo diferente do atual assim como uma pessoa que já não é mais aquela que viveu aquele momento. Assim, jamais poderíamos considerar essas lembranças como totalmente fiéis, como exemplo de verdade.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o tema das *lembranças encobridoras*, enquanto trabalhado por Freud, estabelecendo relações com o romance *Enfance* (SARRAUTE, 1996) da escritora franco-russa Nathalie Sarraute.

Para realizar tal objetivo, tomamos como ponto de partida o texto *Lembranças Encobridoras* (FREUD, 2003), de Freud, mas consideramos também as cartas trocadas com Fließ (FREUD, 2006) e o capítulo sobre lembranças encobridoras presente em *Psicopatologias da vida cotidiana* (FREUD, 2010). Tais textos nos levaram a pensar, no âmbito da Literatura, como muda escrever suas memórias de Infância após Freud. Nathalie Sarraute marca em seu livro que suas lembranças são feitas de imprecisões e falseamentos que fazem parte também de sua história.

1. O que se lembra e o que se esquece

No texto *Lembranças encobridoras*, Freud começa chamando a atenção para fatos ligados à memória. De que nos lembramos? Em geral nossa memória está ligada a fatos marcantes que aconteceram em nossas vidas, sejam eles positivos ou negativos, eufóricos ou disfóricos. O que Freud observa é que no caso de um certo tipo de lembranças, principalmente aquelas ligadas à infância, não são fatos remarcáveis que as constituem, mas sim, algo à primeira vista sem nenhuma

importância ou saliência na vida do sujeito. Do mesmo modo, eventos muito importantes são por vezes simplesmente esquecidos. É então que o esquecimento e a lembrança caminham juntos uma vez que é tão assombroso se esquecer de algo importante quanto se lembrar de algo fútil. (FREUD, 2003, p. 330)

O Freud que escreve as *Lembranças encobridoras* é um Freud ainda nas descobertas da psicanálise, portanto o texto é classificado como um pré-psicanalítico. Lendo suas cartas com Fließ, podemos ver a implicação do homem em seus estudos. Em uma carta de três de janeiro de 1899, a partir de um fragmento de sua autoanálise, anuncia já sua descoberta das lembranças encobridoras, ainda sem esse nome: “Apreendi um novo elemento psíquico que considero como sendo significativo em um plano geral e como sendo um estágio preliminar do sintoma (precedendo mesmo a fantasia).”¹ (FREUD, 2006, p. 431) Alguns meses mais tarde, em outra carta de 25 de maio de 1899, diz que a escrita do texto, já chamado *Lembranças encobridoras*, foi prazerosa, o que, em sua opinião, assombra seu futuro (FREUD, 2006, p. 446).

É então que, a partir de um fragmento de sua autoanálise, como já foi mencionado, Freud investiga mais a fundo essas lembranças aparentemente inócuas e nota que, na verdade, trata-se de lembranças encobridoras. Isso quer dizer que são lembranças sobrepostas a outras que tiveram que ser recalçadas pelo aparelho psíquico.

Tudo se passa como se houvesse duas forças psíquicas opostas, aquelas que se colocam em direção à recordação e outras, consideradas mesmo ‘resistências’ (FREUD, 2003, p. 332), que se opõem a este propósito. Ou seja, enquanto determinadas forças querem lembrar os fatos, outras querem esquecê-los.

¹ Tradução livre do texto em francês.

O resultado deste embate é a formação de um terceiro elemento, a lembrança encobridora, ou seja, um deslocamento associativo que faz com que haja uma imagem mnêmica diferente daquela original que teve que ser recalçada.

Assim, a lembrança encobridora nada mais é do que a substituição de um conteúdo psíquico insuportável por outro, de menos intensidade, que pode aparecer na consciência, o que faz com que o valor de tais lembranças esteja não em seu conteúdo por si só mas sobretudo em sua relação com o outro conteúdo recalçado.

Em *Psicopatologias da vida cotidiana*, Freud dedica um capítulo às recordações de infância e lembranças encobridoras. Neste trabalho, o autor vai mais além do que no texto de 1899, propondo que em seu primeiro trabalho sobre o tema qualificava o deslocamento presente na lembrança encobridora de retroativo, ou seja, uma lembrança de uma época muito antiga encobria fatos ocorridos em um tempo posterior ao do momento recordado. Entretanto, percebe que existem também outros tipos de lembranças encobridoras como as lembranças encobridoras que denomina avançadas, ou seja, a lembrança, o fato indiferente que se fixa na memória provém de uma época recente para encobrir uma experiência mais antiga que deve ser recalçada. Por fim, a terceira possibilidade é denominada lembranças encobridoras contíguas, ou seja, aquelas em que a lembrança encobridora está conectada à impressão que encobre, não apenas por seu conteúdo, mas pela contiguidade no tempo. (FREUD, 2010, p. 97-98)

São detectados alguns elementos pertencentes a uma lembrança encobridora. Freud nota, que, em geral, tais lembranças possuem um excesso de detalhes e elementos visuais, além de ser comum que o autor da lembrança veja-se em terceira pessoa, ou seja, veja a si mesmo na cena rememorada.

As lembranças encobridoras são vistas também como importantes na formação do sintoma, como um estágio preliminar do sintoma mesmo. Karl Abraham, em texto 1913, avança na investigação das lembranças encobridoras descrevendo um caso em que o paciente colocava uma lembrança como origem de seu sintomas obsessivos e, durante a análise, percebe-se que tratava-se de uma lembrança encobridora e não uma lembrança real. Assim, afirma Abraham, que o analista deve manter um certo ceticismo em relação a lembranças muito bem delimitadas e explicadas por seus pacientes a propósito da origem de seus sintomas. Tais lembranças poderiam mesmo “induzir o médico ao erro”. (ABRAHAM)

Mais para frente, em 1917, Freud escreve o texto *Uma recordação de infância em Poesia e Verdade*, em que parte de uma lembrança de infância contida na autobiografia de Goethe e a relaciona com casos de outros pacientes. Neste texto, Freud diz, a propósito da citação de uma passagem, que “em tempos pré-psicanalíticos, podia-se ler essa passagem sem achar motivo para nela se deter e sem admirar-se; mas depois a consciência analítica tornou-se intensa.” (FREUD, 2010, p. 266) Veremos, a seguir, como tudo o que se lembra e se esquece é colocado em um romance autobiográfico escrito após Freud e a psicanálise.

2. Lembrando a Infância após Freud

Nathalie Sarraute (1900-1999) é uma escritora franco-russa que viveu durante praticamente todo o século XX e tem sua obra inscrita no movimento que convencionou-se chamar *Nouveau Roman Français*. A obra que tomaremos como referência, *Infância*, é um romance autobiográfico publicado em 1983 que se difere bastante do que se convencionou chamar romance e autobiografia. Neste livro, a

autora se propõe a narrar suas lembranças de infância não como quem possui a história de sua vida de forma clara e controlada, linear, mas ao contrário, sua infância emerge em lembranças desconexas, algumas encobridoras, outras marcantes, outras imprecisas ou aparentemente desimportantes.

Assim, não nega o caráter não-linear da memória tampouco as imprecisões de suas recordações. Ao contrário, Sarraute cria duas instâncias em seu livro: aquela que vai contar as memórias e a outra que estabelece um contraponto, um pouco como se fosse o papel de um analista que questiona, pede mais detalhes, instiga. Entretanto esse diálogo é feito com bastante intimidade, esse outro é chamado “tu” e não “vous”², é íntimo, um pouco como se haveria de imaginar um Freud em sua autoanálise questionando suas lembranças. O romance inicia exatamente em uma conversa entre essas duas instâncias:

- Então você vai mesmo fazer isso? “Evocar suas lembranças de infância”... Como essas palavras a incomodam, você não gosta delas. Mas reconheça que são as únicas que convêm. Você quer “evocar suas lembranças”... não deve usar de subterfúgios, é isso mesmo.

- É... não posso fazer nada, é uma tentação, não sei por quê...

[...]

- Tranquelize-se quanto ao que deve se apresentar... isso ainda é impreciso, nenhuma palavra escrita, nenhuma palavra falada chegou ali, parece-me que isso palpita debilmente... fora das palavras... como sempre... pequenos pedaços de qualquer coisa ainda viva... eu gostaria, antes que desapareçam... deixe-me...

- Está bem. Calo-me... de qualquer forma nós sabemos que quando alguma coisa começa a persegui-la...

- É, e desta vez quase não dá para acreditar, mas é de você que me vem a impulsão, já faz algum tempo que você me força...

- Eu?

- Sim, você, pelas suas objurgações, suas atitudes vigilantes... você traz tudo à tona... e faz com que me afogue ali... (SARRAUTE, 1985, p. 7-9)

Logo após esse primeiro diálogo, começam as lembranças a serem evocadas até o fim do livro. Evidentemente esse interlocutor reaparece em meio às memórias, mas aquela que narra suas lembranças vai ocupando com cada vez maior

² Na língua francesa, o pronome “tu” é utilizado apenas para crianças e para pessoas com quem se tem bastante intimidade. Nas relações sociais, usa-se comumente o pronome “vous”.

frequência o branco da página. Os capítulos são bastante curtos e as páginas do livro são graficamente marcadas por espaços grandes, como se fossem silêncios instaurados em uma fala.³

Mas quais são essas “lembranças de infância evocadas”? De que Sarraute se lembra? Na esteira de Freud, basicamente de coisas muito importantes ou pouco importantes... Enquanto lembrança tônica, trazemos aqui um exemplo de um episódio em que a autora chega para fazer uma visita à casa dos avós:

A caleche para defronte à escada de uma grande casa de madeira, papai me liberta das cobertas em que estou enfiada e me pega no colo, sou pequenina, estou vestida com meu casaco de veludo branco tão bonito que, dentro dele, dizem que sou uma “verdadeira boneca”, ele me carrega escalando muito depressa os degraus, coloca-me nos braços de meu avô e de minha avó que se encontram à porta, com suas camisolas brancas compridas... Papai fala com eles de um jeito furioso... “Mas eu tinha dito, eu tinha pedido que vocês não se levantassem, é maluquice...”

Estou tão chocada de ouvi-lo falar aos dois dessa maneira que fico estatelada, não consigo retribuir os beijos como gostaria, as palavras carinhosas... Eles não têm cara de que estão zangados com papai... Talvez sejam frágeis demais para se defenderem, são tão bonzinhos, tão velhinhos... Como papai pôde se irritar tanto, falar com eles tão rudemente? Quando ficamos sozinhos eu lhe pergunto... “Você estava com uma cara tão zangada... – Não, não seja boba, eu tinha medo que eles ficassem resfriados... às sete da manhã! de camisola! Eles podiam ter esperado na cama, eu tinha escrito a eles...- Mas não precisava ter falado de um jeito tão ruim... – Absolutamente, não foi ruim... – Você gritou... – Para que entrassem depressa, eles não ouvem bem... Não queria que ficassem resfriados... – Eles sabem que é por isso? – Claro que sabem. Seria melhor que você pensasse em outra coisa...”

E realmente teria sido melhor. Eu talvez pudesse ter conservado alguns outros momentos dessa única temporada com meus avós... mas é como se esse instante, tão violento, tivesse ofuscado todos os outros, só ele ficou. (SARRAUTE, 1985, p. 46-7)

Temos aqui uma memória bastante tônica de um episódio que foi sentido de forma violenta por aquela criança. Embora esse pai tenha agido com intenções conscienciosas e de ternura com seus próprios pais, a língua que a menina escuta é outra, é grito, aspereza. Mesmo as explicações posteriores do pai não são suficientes para tirar da criança essa surpresa que fica tão marcada a ponto de não

³ A edição em português não respeita a mesma impressão que a edição francesa. Todas as citações correspondem à edição brasileira porém mantivemos o espaçamento da edição francesa.

conseguir mais se lembrar de nada do que aconteceu naquela temporada. Trata-se, como aponta Freud, de uma lembrança que fica na memória por conta de sua intensidade, processo esse bastante corriqueiro no dia a dia das pessoas.

Em outro momento do livro, encontramos o que seria possivelmente uma lembrança encobridora, ainda que não seja trabalhada como tal já que estamos no domínio da Literatura e não de um caso clínico:

Ganhei um grande livro encadernado, bem fininho, que gosto muito de folhear, gosto de escutar a leitura que me fazem do que está escrito ao lado das imagens... mas cuidado, estamos chegando a esta aqui, ela me amedronta, é horrível... um homem muito magro e narigudo, vestido com uma roupa verde berrante com abas esvoaçantes, está brandindo uma tesoura aberta, ele vai rasgar a carne, o sangue vai rolar... “Não quero olhar, precisa tirar ela daí... – Você quer arrancar a página? Seria uma pena, é um livro tão bonito. –Pois bem, então vamos escondê-la... A gente cola as páginas.” Agora não a vejo mais, mas sei que ela continua lá, escondida... ei-la que se aproxima, dissimulada, aqui onde a página fica mais espessa... preciso folhear muito depressa, passar por cima dela antes que tenha tempo de penetrar em mim, de incrustar-se... já começa, essa tesoura rasgando a carne, essas grossas gotas de sangue... mas pronto, já terminou, ela foi apagada pela imagem seguinte.

Nos desenhos do meu livro preferido, *Os sobrinhos do capitão*, com seus versinhos engraçados que sei de cor e salteado, que gosto de recitar, nada me assusta jamais, mesmo quando vejo os dois moleques maus amarrados num prato, prontos para irem ao forno e serem assados como dois leitõezinhos...

-Você tem certeza de que essa imagem se encontra em *Os sobrinhos do capitão*? Não valeria a pena verificar melhor?

- Não, para quê? O certo é que essa imagem ficou ligada ao livro, e que permaneceu intacto o sentimento que ela me dava de uma apreensão, um medo que não era medo de verdade, era só um medo de brincadeira, para divertir. (SARRAUTE, 1985, p. 40-1)

Esta cena aparece no meio de várias outras lembranças presentes em um mesmo capítulo e separadas apenas pelos espaços em branco. Trata-se aparentemente de uma lembrança banal, um livro de histórias, o que a torna interessante é que a imagem tão temida e lembrada em todos os detalhes possivelmente não se encontra no livro que é recordado. Entretanto, quando a questão “não valeria a pena verificar melhor?” é colocada, percebemos uma certa indiferença na descoberta da “verdade”, esta foi a imagem que ficou ligada ao livro

ainda que falsa ou imprecisa, ainda que talvez essa imagem esteja encobrendo tantas outras. “Verificar melhor” é tarefa do analista, não da escritora.

Por fim, encontramos uma outra lembrança, daquelas de que Abraham, como anteriormente citado, pediria para desconfiar:

Mamãe me apressa, ralha delicadamente comigo... “Não se faça de rogada, não é delicado, é falta de educação, vá buscá-lo, traga-o aqui...” E também a presença do senhor sentado à contraluz, as costas contra a janela, e seu silêncio atento, sua expectativa pesam sobre mim, me empurram... mas sei que não devo fazê-lo de forma alguma, não devo ceder, esforço-me o mais que posso para resistir... “Mas não é nada, é apenas para me divertir... verdade, não é nada... – Não seja tão tímida... Sabe que ela está escrevendo todo um romance?...” O senhor...

- Quem era? Gostaria de saber?

-Impossível lembrar. Talvez Korolenko, a julgar pela estima, pela afeição por ele que eu sentia em mamãe... ela publicava em sua revista, ela o via bastante, Kolia e ela falavam muito a respeito dele... Mas pouco importa o seu nome. Essa estima, essa afeição, tornaram ainda mais forte a pressão das palavras que ele pronunciou, exatamente no mesmo tom que empregava para dirigir-se a um adulto: “Mas estou muito interessado. Você precisa me mostrar...” Então... a quem é que isso nunca aconteceu? Quem pode pretender ignorar essa sensação que temos às vezes quando, sabendo o que vai acontecer, o que nos espera, temendo o resultado... seguimos em frente assim mesmo...

-Pode-se mesmo dizer que o desejamos, que é isso que estamos procurando...

-Sim, isso nos atrai... uma atração engraçada...

Fui ao meu quarto, tirei um grosso caderno de capa preta encerada da gaveta da escrivaninha, trouxe-o de volta e entreguei-o ao senhor...

-Ao “tio”, você devia dizer, pois é assim que as crianças chamam os homens adultos, na Rússia...

-Está bem, o “tio” abre o caderno na primeira página... as letras em tinta vermelha estão muito mal traçadas, as linhas sobem e descem... Ele as percorre rapidamente, folheia um pouco mais, para de vez em quando... parece atônito... descontente... Ele fecha o caderno, devolve-o a mim e diz: “Antes de se meter a escrever um *romance*, é preciso saber ortografia...” Levei o caderno de volta ao quarto, não sei mais o que fiz com ele, de qualquer forma desapareceu, e não escrevi mais uma linha...

-É um dos raros momentos da sua infância de que você chegou às vezes, bem mais tarde, a falar...

-Sim, para responder, para dar um motivo aos que me perguntavam por que eu tinha esperado tanto antes de começar a “escrever”... Era tão cômodo, dificilmente se poderia encontrar algum argumento mais probatório: um desses magníficos “traumas de infância”...

-Você não acreditava realmente nisso?

-Mas claro, eu acreditava assim mesmo... por conformismo. Por preguiça. Você bem sabe que, até recentemente, eu nunca me havia interessado em ressuscitar os acontecimentos de minha infância. Mas agora, quando tento reconstituir como posso aqueles instantes, o que me surpreende, primeiramente, é que não encontro nem cólera nem rancor, digamos, contra o “tio”.

-No entanto devia existir... Ele foi brutal...

-Sem dúvida. Mas ele provavelmente se apagou muito rápido, e o que consigo recordar é sobretudo uma impressão de alívio... um pouco como o que se sente após termos sofrido uma operação, uma cauterização, uma ablação dolorosa, mas terapêutica e necessária...

-Não é possível que tenha sido essa a sua reação no momento...

-Claro que não. O fato não podia ter me aparecido tal como o vejo hoje, quando me obrigo a um esforço desse tipo... do qual não teria sido capaz, então... quando tento mergulhar, atingir, agarrar, arrancar o que ficou lá no fundo, esquecido. (SARRAUTE, 1985, p. 69-72)

Evidentemente que não se trata de uma lembrança destinada a explicar a origem de um sintoma neurótico, mas é uma recordação utilizada muitas vezes para explicar sua demora em escrever e, conforme descrito mais adiante no próprio livro, na sequência das lembranças, para “liberá-la” do peso e da obrigação da escrita. Da maneira como é descrita e explicada, trata-se de uma lembrança com uma carga relativamente baixa de afeto, é mais uma explicação racional do que um verdadeiro “trauma de infância”, como mostra no diálogo.

Considerações Finais

Dedicamo-nos ao tema das lembranças, especialmente àquelas da infância, percorrendo os textos de Freud, suas cartas com Fließ e até mesmo um texto de Abraham.

Pudemos assim compreender melhor a memória, a lembrança e o esquecimento, percebendo suas funções no psiquismo. As lembranças deixam de ser apenas “verdadeiras”, para poderem ser às vezes encobridoras de outras “verdades” que tiveram que ser recalçadas.

Após essa incursão teórica, deparamo-nos com o livro autobiográfico de Nathalie Sarraute, do qual selecionamos três excertos correspondentes a diferentes tipos de lembranças. Sua autobiografia cria um efeito maior de “verdade” de suas lembranças narradas exatamente por serem consideradas na sua imprecisão, nos seus encobrimentos.

Nosso objetivo não foi analisar a literatura ou tornar literária a psicanálise, mas estabelecer relações entre os campos de modo que a teoria não fique descolada da realidade simbólica vista na vida cotidiana.

Bibliografia

ABRAHAM, K. **Souvenir-Écran d'un événement de l'enfance de signification apparemment étiologique.** Disponível em: <<http://www.megapsy.net/Textes/Abraham/biblio038.htm>>. Acesso em: 05 maio 2014.

ASSOUN, P.-L. **Dictionnaire des oeuvres psychanalytiques.** Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

FREUD, S. Los recuerdos encubridores. In: FREUD, S. **Obras Completas.** Buenos Aires: El Ateneo, v. 1, 2003.

FREUD, S. **La psychopathologie de la vie quotidienne.** Paris: Gallimard, 2010.

FREUD, S. Uma recordação de infância em poesia e verdade. In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil: ("o homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Lettres à Wilhelm Fließ.** Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

SARRAUTE, N. **Infância.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SARRAUTE, N. **Oeuvres complètes.** Paris: Gallimard, 1996.